

## HABITAR A FRONTEIRA

Léonora Miano

MIANO, Léonora. **Habiter la frontière**. Paris: L'Arche, p. 25-35, 2012<sup>1</sup>.  
Tradução para uso didático por wanderson flor do nascimento.

*Tels des astres éteints* [Como estrelas apagadas] – romance lançado em 2008, gestado muito antes da trilogia africana que compreende *L'Intérieur de la nuit* [O interior da noite], *Les aubes écarlates* [As auroras escarlates] e *Contours du jour qui vient* [Contornos do dia que vem vindo] – é um texto pelo qual tenho uma afeição particular, já que é o que aborda mais nitidamente os tormentos identitários do mundo negro e é dedicado “às identidades fronteiriças”.

É assim como habitualmente defino minha própria identidade. A considero fronteiriça, isto é, ancorada não em um lugar de ruptura, mas, pelo contrário, em um espaço de permanente vinculação. A fronteira, tal como a defino e a vivo, é o lugar no qual, sem descanso, os mundos se tocam. É um lugar de constante oscilação: de um espaço a outro, de uma sensibilidade a outra, de uma visão de mundo a outra. É o lugar onde se misturam as línguas, não de maneira estrepitosa, mas se impregnando naturalmente, para produzir, na página em branco, a representação de um universo heterogêneo e híbrido.

A fronteira evoca a relação. Fala do encontro entre os povos, por vezes com violência, ódio ou desprezo, mas sempre gerando sentido. Minha *multipertença* é portadora do sentido. Recorda aqueles que acreditam na permanência das coisas, sobretudo da identidade, que a planta não se limita a suas raízes, mas elas podem ser transplantadas e brotar em um novo solo. Uma planta pode, dessa forma, cruzar suas raízes com as de outra e engendrar um novo ser vivo. O mundo ao qual pertencemos é, antes de qualquer coisa, o que carregamos em nosso interior.

---

<sup>1</sup> Este capítulo do livro é uma conferência apresentada na VIII Jornada da Francofonia “Paisagens francófonas”, realizada na Universidade de Copenhague, em 18/03/2009. (N. da T.).

Tendo nascido em Camarões, país no qual as línguas oficiais são o francês e o inglês, com dezenas de línguas locais, cresci em um entorno aculturado, uma vez que aí falávamos francês. A África, terra poderosa e extrema, contudo não teve nenhuma dificuldade de penetrar essa bolha para nela imprimir sua marca. Tal marca estava em uma família ampliada que havia conservado antigos costumes, nas cantigas que minha avó cantava, no cheiro da terra, no movimento dos seres e das coisas, na qualidade da luz, na fúria das tempestades tropicais, nas vozes das pessoas pela rua, nas flores que apenas crescem ali, nas brincadeiras, no pente que estalava em minha cabeça ao fazer tranças, nas superstições, na alimentação, na língua que os adultos falavam quando queriam que as crianças não entendessem.

Este continente alimentou meu imaginário, assim como também o fizeram elementos vindos do exterior. Penso no jazz que meu pai ouvia, na biblioteca de meus pais, nas antigas comédias musicais americanas ou nos desenhos animados japoneses que minha irmã e eu víamos. Se meus compatriotas sempre me perceberam como uma estranha, estrangeira, nunca me fizeram duvidar de minha africanidade. Rapidamente, o que me fez compreender era que seu mundo era em parte o meu. Sou, desde sempre, uma afro-ocidental, completamente assumida, que se nega a escolher entre minha parte africana e minha parte ocidental. Em geral, quando alguém se expressa assim, são tachados de embranquecidos, de negros complexados, envergonhados de suas origens. Contudo, me parece que o que afirmo para mim corresponde inteiramente à realidade atual de minha terra natal.

Com efeito, África, tal como conhecemos hoje, é um construto europeu. Foram os europeus que a batizaram e a desenharam criando fraturas no coração de conjuntos homogêneos e impondo suas línguas mediante políticas de assimilação, como fizeram os colonizadores franceses. Em um país como Camarões, a diversidade das línguas locais facilitou a implantação dos idiomas coloniais, já que a população não se entendia nas diferentes regiões e nenhuma das línguas do país era majoritária.

Por isso, os camaroneses utilizam muito o francês ou o inglês para se comunicarem entre si. É evidente que falam tais línguas a seu modo, imprimindo nelas o ritmo de seus acentos, nelas estampando imagens próprias de suas culturas. Quando se sabe até que ponto uma língua estrutura a mente de seus falantes, é facilmente perceptível que a história mestiçou os povos africanos. Quando alguns falam de uma autenticidade que precisamos preservar, seria conveniente nos perguntarmos pelo conteúdo dessa afirmação. A maioria das pessoas ignora que os tecidos africanos, que o mundo inteiro considera como autenticamente africanos, forma concebidos pelos ingleses e holandeses, que seguem fabricando-os, ainda que os chineses os estejam fabricando também. A maioria das pessoas ignora de onde vêm determinados produtos alimentícios integrados em sua nutrição, como a mandioca ou o bacalhau salgado, que se comem em muitos de nossos países.

De outro lado, nossos territórios padecem de um déficit de vestígios históricos, sobretudo escritos, o que impede saber com certeza como era a vida de nossos antepassados. Ainda que nem todas as nossas tradições tenham desaparecido, não é menos certo que atualmente nossos povos necessitam se recriar, se reinventar. É um desafio que só é possível enfrentar quando se aceita, por mais doloroso que possa parecer às vezes, habitar as identidades fronteiriças que a história nos legou. Temos aquilo que o encontro com outros povos gravou em nós, junto com o que a África não cessa de nos oferecer.

Sem pretender estabelecer paralelismos duvidosos, tal situação poderia ser comparada à dos negros americanos ou caribenhos, descendentes, ao mesmo tempo, dos escravagistas e de escravizados. A diferença, e isso é importante, reside em quatro elementos principais:

- Apesar de todas as mudanças, os africanos seguem vivendo no ancestral solo africano.
- Nessa terra original, conservaram suas línguas e parte de seus costumes.
- Mesmo quando não está escrita em lugar algum, sua genealogia não se perdera.

- A mestiçagem biológica (com a Europa) não toma as mesmas proporções no continente que no Novo Mundo.

Tudo isso ajuda a precisar as coisas, sem modificar o fundo: na atualidade, ser africano é ser um híbrido cultural. É habitar a fronteira. Reconhecer isso é ser honrado consigo mesmo, ver de frente suas próprias realidades e ser capaz de modificá-las. Não se trata de sobrevalorizar um ou outro dos componentes de dita identidade, mas de dizer que se tem o estranho privilégio de poder escolher o melhor de cada cultura.

Pensemos com atenção. Os europeus não têm essa possibilidade. Para quem acreditou dominar eternamente o mundo, a *multipertença* é vivida como uma perda de referências. Nesse contexto, aparecem aberrações tais como o Ministério da Identidade Nacional francês. A Europa não entrou, ainda, no mundo simbolizado por Barak Obama. Um país como a França não vê com bons olhos expandir suas margens e só o faz à força, quando as periferias ardem ou os territórios ultramarinos se sublevam. Trata de impor à realidade noções antiquadas, exigindo, pela boca dos comentaristas da atualidade, a despossessão de si que a assimilação reclamava.

*Como se inscreve a fronteira no trabalho literário?*

É simples. Escrevo como sou. Escrevo o que sou. Minha escritura é apenas aparentemente em uma língua francesa clássica. Os revisores de diferentes editoras com as quais trabalhei sabem disso. Minha pontuação não é ortodoxa. Busca ritmos não europeus. Nos alicerces da frase existem sempre muitas outras línguas. Aquelas nas que não penso, mas que sinto. Escrevo com o eco das culturas que vivem em mim: africana, europeia, afro-americana, caribenha. Tudo isso se incrusta no texto.

Minha estética é, então, fronteiriça. Utiliza a língua francesa, mas suas referências, as imagens que se imprimem nas páginas, pertencem a outras esferas. Minha cultura literária francesa é extremamente limitada e não sofro por isso. Não há nenhuma necessidade de ter lido Proust ou Céline para escrever em francês.

Escrever *em francês* não é escrever *francês*. Pode ser escrever africano, escrever crioulo, escrever eslavo ou oriental. A língua é bastante rica e maleável para permitir que todo tipo de sensibilidades seja expresso. Os autores da Negritude não tiveram nenhuma dificuldade em concebê-la e expressá-la em francês.

A estruturação de meus textos é nutrida em parte pelo jazz, música mestiça por excelência. Dela tiro a circularidade, a tensão, a polifonia, a repetição ou a melodia. O jazz me obriga ter atenção especial ao ritmo, ao fraseado das personagens. Frequentemente, é o ponto de partida da elaboração de um romance, uma obsessão. Em meu caso:

- *Tels des astres éteints*, por exemplo, foi concebido como um recital no qual os protagonistas do romance fazem uma interpretação pessoal de grandes clássicos ou temas conhecidos.
- O conteúdo de temas espirituais, antigos ou recentes, do jazz vocal inspiraram a trajetória de Musango, protagonista de *Contours du jour qui vient*.
- *L'Intérieur de la nuit* seguia uma estrutura AABA, clássica na interpretação de temas do jazz.
- De meus quatro romances, apenas *Les aubes écarlates* parece seguir menos rigorosamente essa regra. Contudo, a alma do jazz segue presente nele. Tratava-se de criar, em primeiro lugar, um caos imperceptível, mas que será notado. As personagens estão desestruturadas, como instrumentos mal afinados. Às vezes, a temporalidade aparece alterada. Os mortos coabitam com os vivos, a análise política tem intencionalidade espiritual. O relato de Epa, personagem conhecida desde *L'Intérieur de la nuit*, se mistura no conjunto como uma longa melodia.

Para mim, essa mistura é jazz. Preciso aqui ser compreendida: eu não sou uma escritora rabelesiana ou barroca. Escrevo jazz (a mistura), soul (o grito), blues (a realidade). Escrevo o que eu sou. Escrevo como sou. Desde que os descobri na minha adolescência, os escritores da América negra e do Caribe são os que mais me emocionaram. Não porque me sentia envolvida nos temas que tratavam, mas

porque reconhecia, em sua sensibilidade, algo de minha *multipertença*. Com eles, habitava em um espaço dado, Camarões, mas outros mundos também existiam em mim.

Ainda hoje tenho predileção especial por esses autores. Acredito conhecer a falha da qual surgiram. E me parece que meu coração tem as mesmas rachaduras que os deles. E, às vezes, creio conseguir, como eles, criar beleza com esse fantasma. As identidades fronteiriças nasceram da dor. Nasceram do rasgo, da violação, do ódio de si. Tiveram de atravessar as sombras para inventar uma ancoragem em areias movediças e impor-se, não contra, mas entre os demais. No fundo, vivem em um espaço de cicatrizes. A cicatriz não é a ferida. É uma nova linha de vida criada por sobre. É um dos terrenos dos mais insuspeitos possíveis.

Em meus textos, a fronteira é também um certo número de aspectos recorrentes. É o motivo da sombra e da luz, no que uma sempre engendra a outra, no qual não se trata de escolher, mas de assumir: o lado obscuro (em meus romances existem, costumeiramente, responsabilidades amargas e dolorosas) e o lado luminoso (merecido e que aparece apenas após termos assimilado as sombras). Tal movimento, tal dualidade representa, em minha opinião, o fundamento da natureza humana. A pessoa é, antes de tudo, uma criatura de contrastes que vive em um lugar em que a sombra e a luz se tocam.

A fronteira é também uma certa visão do gênero. Ao contrário do que às vezes leio sobre meus textos, eu não proponho uma literatura estritamente feminista. Não se trata de que eu me proíba ser feminista. Se o feminismo consiste em fazer a defesa dos direitos de uma categoria ultrajada, é desnecessário dizer que o subscrevo. Contudo, não é o que guia minha representação das mulheres. O primeiro material a partir do qual trabalham os artistas é sua própria sensibilidade. Para dizer de minha sensibilidade nesse tema, mesmo que seja evidente que sou uma mulher, contudo, não sempre estou segura de pertencer ao gênero feminino.

O masculino e o feminino são, ao mesmo tempo, categorias biológicas e construtos sociais e culturais. Como categorias biológicas, falam de corpos: ser homem ou ser mulher é habitar em um dado corpo, que atualmente pode ser

modificado mediante hormônios ou cirurgias. Enquanto construtos sociais, o feminino e o masculino se referem a comportamentos arbitrariamente atribuídos a um ou outro sexo. Parece evidente que o simples fato de nascer em um corpo de homem não fará de ninguém um ser corajoso, fleumático ou capaz de utilizar conceitos abstratos, o mesmo valendo para o fato de que habitar em um corpo de mulher não poderia gerar a doçura, a paciência, a trivialidade ou a aptidão para as tarefas domésticas... Tratam-se de comportamentos aprendidos, de noções culturais interiorizadas ao longo dos séculos. Isso é apenas uma obviedade, já que todo mundo sabe.

Tudo isso para explicar que, em geral, gosto de promover corpos femininos habitados por uma energia masculina (autoritária, fria, corajosa...), e corpos masculinos afetados pelo feminino (pranto, medo, utilização histórica da violência). A identidade sexual das personagens é, assim, também fronteira. Reside no entre. Não sei se voltaria a falar de fronteira se, dentro de 15 anos, me pedissem uma conferência sobre esse mesmo tema. Não é cômodo que os autores tenham de elaborar teorias sobre seu próprio trabalho. Não são eles quem devem fazê-lo. Em geral, só podem falar do que tratam de pôr em prática e não realmente do que conseguem fazer. E quando se escreveu apenas quatro romances, se está ainda menos legitimado para elaborar um discurso sobre essas características.